

CORREIO ECONÔMICO



Vendas do Tesouro Direto são as maiores da história

Vendas do Tesouro Direto atingem maior valor da história

O maior valor de vendas do Tesouro Direto da história, desde que o programa de renda fixa foi concebido, em 2002. É o que obteve o Tesouro Nacional com a comercialização de títulos públicos a Pessoas Físicas pela Internet, em agosto, que totalizou R\$ 8,01 bilhões, divulgou o órgão, nessa segunda-feira (21). O recorde supera o recorde atingido em março de 2023, quando as

vendas somaram R\$ 6,84 bilhões.

Também no comparativo mensal, as vendas subiram 24,6%, ante julho. Ante agosto do ano passado, porém, houve um salto de 150,5%. Estes dados espetaculares foram divulgados com um mês de atraso, em razão da greve dos servidores do Tesouro Nacional, que decidiram paralisar a venda de títulos do programa.

Dois fatores

O 'salto' de vendas do Tesouro Direto em agosto, teve dois fatores determinantes: o vencimento de títulos de longo prazo corrigidos pela inflação, trocados por papéis novos e a forte emissão de títulos corrigidos pela Taxa Selic, cujas emissões mensais atingiram R\$ 3,34 bi.

Participação

Enquanto os títulos corrigidos pela inflação (Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo – IPCA), participaram com 46,6% das vendas, os títulos vinculados à Selic responderam a 41,7% do total, e os prefixados, com juros definidos no momento da emissão, 7,8%.

Divulgação site Capital Aberto



Emissões cresceram 55% no comparativo anual

CVM: emissão de valores mobiliários cresce 55%

Com crescimento anual de 55%, o montante de emissões de valores mobiliários acumulado até setembro somou R\$ 663 bilhões, montante que supera o registrado em todo o ano passado, que não passou de R\$ 644,6 bilhões, aponta o Boletim Econômico da CVM. Os maiores destaques foram os títulos de renda fixa

e securitização, com R\$ 520,8 bilhões, bem acima dos R\$ 276,2 bilhões, apurados no mesmo período do ano anterior. Neste estudo, a CVM chamou a atenção para a expansão de 0,6% do número de regulados no terceiro trimestre do ano, ante o anterior (3T24/2T24), com 88.968 participantes.

Sétima alta

Pela 7ª semana consecutiva, o IGP-M apresentou elevação, quando passou de 4,01% para 4,39%, apontou o relatório Focus, nessa segunda-feira (21). Um mês antes, ela era de 3,75%. A estimativa para 2025 cedeu de 3,97% para 3,91%, contra 4,00% quatro semanas atrás.

Três grupos

Para efeito de cálculo, os índices gerais de preços, da FGV, medem um agregado da inflação para três grupos: produtores (atacado, com impacto do câmbio e da variação e commodities), com peso de 60%; consumidores, com peso de 30%; e construção, com peso de 10%.

Dólar sobe

Segundo projeções divulgadas, nessa segunda-feira (21), pelo Banco do Brasil (BB), o dólar deve chegar no fim deste ano cotado a R\$ 5,35 e não mais a R\$ 5,20. Para 2025, a aposta subiu de R\$ 5,25 para R\$ 5,30. Para o banco, há pouco espaço para fortalecimento do real.

Patamar alto

Em nota, o BB observa que "a cotação do real tem registrado patamar relativamente alto nos últimos meses, pela maior incerteza em relação ao desempenho da economia chinesa e do resultado das eleições nos EUA e do ambiente geopolítico global".

Boletim Focus 'acelera' a projeção do IPCA para 2024

Previsão para indicador dá salto de 4,39% para 4,50%; PIB passa a 3,05%

Por Marcello Sigwalt

Enquanto a segunda metade do pleito municipal não se consuma – a 26 de outubro próximo – e o controle de despesas federais se mantém na base do discurso para 'inglês ver', a projeção do mercado financeiro para o IPCA (Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo), o indicador oficial de inflação, se expande mais rapidamente, acirrando as 'apostas' quanto à magnitude da elevação dos juros básicos da economia (Selic), que mina o poder aquisitivo do cidadão-eleitor-contribuinte.

É o que se pode depreender da forte ampliação, de 4,39% para 4,50% da estimativa do IPCA para este ano, segundo o Boletim Focus – consulta semanal do Banco Central (BC) às 100 maiores instituições financeiras nacionais – divulgado nessa segunda-feira (21), o que configura a terceira semana seguida de alta. Para o próximo ano, a banca igualmente elevou o indicador, de 3,96% para 3,99%, ao passo que foram



Desajuste fiscal e objetivo eleitoral contribuem para escalada inflacionária

mantidos em 3,60% e 3,50%, os prognósticos para 2026 e 2027, respectivamente.

Enquanto a expectativa do mercado para a inflação avança rapidamente, o mesmo não acontece com o PIB, que segue em compasso lento, ao subir de 3,01% para 3,05%, ao passo que par 2025, esta foi mantida em 1,93% e em 2% para 2026 e 2027.

No que toca ao custo do dinheiro, a Selic (taxa básica de juros) para 2024 foi mantida em 11,75% ao ano, mas cresceu de 11% ao ano para 11,25% ao ano, para o ano que vem. Para 2026, esta permaneceu em 9,50% ao ano e em 9% ao ano para 2027.

Referência para qualidade das contas públicas, o resulta-

do primário para 2024 estacionou em um déficit de 0,60% do PIB, pela sétima vez seguida, ao passo que para 2025, houve queda deste, de -0,73% do PIB para -0,70% do PIB. Para 2026, este baixou de -0,66% do PIB para -0,50% do PIB, mas foi mantido, pela quarta semana seguida, em -0,30% do PIB para 2027.

Novas projeções assustam mercado

Pela terceira semana consecutiva, o consenso do mercado financeiro elevou sua projeção para o IPCA no ano de 2024, mirando agora uma inflação de 4,5% – ficando no limite do teto da meta.

Trata-se da terceira alta consecutiva na projeção para o IPCA de 2024.

O número, da edição desta segunda, 21, do Boletim Focus, mostra um mercado que ainda enxerga uma série de

incertezas macroeconômicas e vê uma pressão inflacionária ainda latente.

A avaliação é de que as projeções sobem por conta de núcleos que persistem em altas nas últimas leituras.

"A inflação tem apresentado sinais de resiliência, especialmente em serviços, e fatores como a seca e o aumento das tarifas de energia adicionam pressão aos preços", explica Alex An-

drade, CEO da Swiss Capital Invest.

O mercado espera uma política monetária possivelmente mais rígida como um impacto imediato, o que fica evidente com a elevação da projeção da Selic para 2025, que agora é de 11,25%. Atualmente a taxa Selic está em 10,75% e o mercado espera também uma elevação – de 0,50 ponto percentual (p.p.) na próxima reunião do Copom, nos dias 5 e 6 de novembro.

"O Boletim Focus de hoje assusta bastante com uma alta maior do que vinha tendo na projeção da inflação para 4,50% chegando no limite do teto, aumentando as expectativas de aumento de juros. Vemos pressões inflacionárias persistentes, que podem forçar o Banco Central a tomar medidas mais duras em relação a Selic", comenta Volnei Eyng, CEO da gestora Multiplike.

Bolsa recua, mas 'segura' 130 mil pontos

Divulgação Agência CMA



Índice da bolsa brasileira recua no início da semana

O Ibovespa iniciou a semana em margem de variação estreita, de menos de mil pontos entre a mínima (130.156,63) e a máxima (131.123,53) da sessão, em que saiu de abertura aos 130.499,15 pontos. Ao fim, o índice mostrava leve baixa de 0,11%, aos 130.361,56 pontos, em dia de dólar a R\$ 5,6904 (-0,15%) no fechamento, tendo chegado na máxima a R\$ 5,7351 e operado em boa parte da sessão a R\$ 5,70. A curva de juros teve ajuste discreto nesta abertura de semana, mas tanto a curva do DI como o câmbio permanecem pouco favoráveis a maior apetite por ações na B3.

Nos Estados Unidos, a tarde foi de forte avanço para os rendimentos dos Treasuries – com os dos vencimentos de 10 e 30 anos nos maiores níveis desde julho – e de sinal predominantemente negativo para os principais índices de ações em Nova York. Ao fim, mostravam varia-

ção entre -0,80% (Dow Jones) e +0,27% (Nasdaq).

Giro financeiro 'acomodado'

Assim, o giro financeiro permaneceu acomodado nesta segunda-feira na B3, a R\$ 18,3 bilhões, após o vencimento de

opções sobre o Ibovespa na última quarta-feira e sobre ações, na sexta, 18. Entre os papéis de maior peso no índice, a direção desta segunda-feira foi determinada por Petrobras (ON -1,83%, PN -1,57%), na contramão dos preços do petróleo na sessão, e pelos grandes bancos, em espe-

cial Itaú (PN -0,51%). Na ponta ganhadora do Ibovespa, destaca-se para Embracer (+4,17%), Vamos (+4,13%) e Magazine Luiza (+2,87%), com Hapvida (-2,93%) e Natura (-1,68%), além de Petrobras, na fila oposta. Vale ON cedeu 0,36%.

"Dia sem muitas notícias, que deixou dólar e DI um pouco mais de lado, o que se reflete também na Bolsa. Início da temporada de resultados de empresas domésticas ocorre nesta semana, com balanços como os de Vale e Suzano", diz Rodrigo Alvarenga, sócio da One Investimentos.

"No cenário externo, a proximidade das eleições nos EUA, no começo de novembro, deve trazer um pouco mais de volatilidade", acrescenta Alvarenga, destacando a incerteza sobre quem sairá vitorioso na disputa entre a democrata Kamala Harris e o republicano Donald Trump.

Ajustes técnicos 'derrubam' futuros

Os juros futuros fecharam a sessão em baixa moderada, atribuída a uma correção técnica diante dos prêmios considerados esticados, que colocaram boa parte dos contratos longos perto dos 13% no fim da semana passada.

O movimento se deu na contramão da pressão do dólar, dos retornos dos Treasuries e da deterioração das medianas na pesquisa Focus.

Apesar dos níveis elevados

terem atraído alguns ajustes, a preocupação com o quadro fiscal permanece como fator fundamental a limitar uma melhora consistente das taxas.

A taxa do contrato de Depósito Interfinanceiro (DI) para janeiro de 2026 encerrou em 12,66%, de 12,72% no ajuste anterior, e a do DI para janeiro de 2027 passou de 12,92% para 12,83%. O DI para janeiro de 2029 terminou com taxa de 12,88% (de 12,96%).

Com a agenda esvaziada e num dia sem novidades na seara fiscal, houve espaço para algum ajuste, mas nada que indique tendência para as próximas sessões, a não ser que finalmente haja algo concreto sobre a agenda da revisão de gastos. Mas os players não contam com isso no curto prazo, ao menos antes do segundo turno da eleição.

A equipe econômica deve se concentrar na construção jurídica das propostas a serem

levadas ao presidente. O plano é deixar "tudo pronto" para o retorno do ministro da Fazenda, Fernando Haddad, que participa entre terça e quinta-feira em Washington das reuniões anuais do FMI e do Banco Mundial.

A Fazenda quer aproveitar a janela política aberta entre o fim do pleito municipal e a eleição dos novos presidentes no Congresso para avançar na agenda de corte de gastos.